

Análise Cartográfica do discurso: uma aventura transdisciplinar

Cartographic Analysis of discourse: a transdisciplinary adventure

Thatiana Muylaert S. Menezes¹
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ
thatiana.muylaert@fat.uerj.br

RESUMO: Este artigo objetiva apresentar de que modo a Análise Cartográfica do discurso vem frequentando as áreas das Engenharias sob a premissa de que não há sociedade sem linguagem. Como aporte teórico, parte-se das concepções de prática discursiva e de interdiscurso e, como perspectiva metodológica, este artigo apoia-se na noção de cartografia, promovendo uma política transdisciplinar quando se pensa a produção de textos e de pesquisas no universo acadêmico. Nesse contexto, as pistas, apresentadas na obra *Pistas do Método da Cartografia*, funcionam como ferramentas de análise e de produção do *cópus*² no fomento da cartografia como perspectiva metodológica necessária quando se pensa em pesquisa-intervenção. Apresenta-se, nas análises, de que forma conceitos da análise do discurso e da cartografia contribuem na produção de subjetividades em sala de aula e podem visitar áreas que fogem às Letras e à Psicologia. Como resultado, nota-se que os enunciados apresentados apontam para a emergência de se fazer pesquisas transdisciplinares, privilegiando o indivíduo enquanto um ser social e político que vem passando por questões na contemporaneidade. Logo, para a produção de textos acadêmicos, cujo objeto de pesquisa perpassa o corpo do pesquisador, faz-se necessário considerar a cartografia como “linhas de fuga” que promove, através das micropolíticas, mudança à tradicionalidade metodológica.

Palavras-chave: Análise Cartográfica do discurso; Engenharia; Linguagem; Transdisciplinaridade.

ABSTRACT: This article aims to present how Cartographic Discourse Analysis has been increasingly used in the field of Engineering, based on the premise that there is no society without language. Theoretically, it draws on the concepts of discursive practice and interdiscourse, and methodologically, it relies on the notion of cartography, promoting a transdisciplinary approach when considering the production of texts and research in the academic world. In this context, the clues presented in the work **Clues to the Cartographic Method** serve as analytical and corpus production tools, fostering cartography as a necessary methodological perspective when considering intervention research. The analyses show how concepts from discourse analysis and cartography contribute to the production of subjectivities in the classroom and can extend beyond Literature and Psychology. As a result, the presented statements point to the need for transdisciplinary research, prioritizing the individual as a social and political being facing contemporary challenges. Therefore, for the production of academic texts, whose research object

¹ Professora Adjunta de Língua Portuguesa e Metodologia Científica da Faculdade de Tecnologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – *Campus Regional Resende*.

² Opto pela escrita da palavra *cópus*, com acento agudo e sem itálico, com a intenção de valorizar a língua na qual este texto foi escrito, o português brasileiro.

permeates the researcher's body, it is necessary to consider cartography as "lines of flight" that promote, through micropolitics, a change to methodological tradition.

Keywords: Cartographic Discourse Analysis; Engineering; Language; Transdisciplinarity.

Introdução

Começo³ este artigo refletindo sobre os caminhos científicos percorridos a partir dos estudos que confluem os postulados da Análise do Discurso e da Cartografia. Das noções de discurso, de interdiscurso, de arquivo, de enunciação e de tantas outras que permeiam os estudos discursivos, começamos a compreender que a linguagem molda e constrói a sociedade em que vivemos não por meio das palavras que a compõe, mas sim pelas forças constitucionais que tais vocábulos carregam em determinado contexto de produção, ou seja, em determinada prática. De outro modo, uma palavra sozinha, isolada, não é capaz de dizer muita coisa, mas é o “eco” social, político e comunitário que reflete e refrata os ecos que por ela são trazidos, que interferem e “agem” nas comunidades a partir dos efeitos de sentido produzidos. Dessa forma, não há como dissociar a sociabilidade da linguagem da sua força enunciativa.

Na mesma esteira de raciocínio, há o conceito de cartografia, que carrega, principalmente, a noção por trás da Geografia, a ideia de mapear e de cartografar territórios físicos. Dela, as concepções psicossociais vão mais além, transportam a noção de território físico à de territórios sociais, midiáticos e psicológicos, como afirma Rolnik (2016) “territórios psicossociais são passíveis de serem cartografados”. Assim, fazer cartografia é mapear latitudinal e longitudinalmente as esferas sócio-discursivas pelas quais perpassa. Nesse sentido, a noção de cartografia transborda e abre espaço para o (re)conhecer “por dentro”, seja o pesquisador, seja o território debruçado.

Levando em consideração que tanto a Análise do Discurso quanto a Cartografia estão em vias de apresentar o (des)conhecido, ambas as teorias caminham juntas para (re)conhecer a sociedade em que se encontra e promover micropolíticas a partir do processo e do percurso de construção do social-institucional que promove as comunidades falantes. Desse modo, ao propor um novo modo de habitar materialidades psicossociais, debruçados aos estudos de Michel Foucault, Dominique Maingueneau, Suely Rolnik, das pistas que compõem a obra *Pistas do método da cartografia* e de tantos outros aportes teóricos, Bruno Deusdará e Décio Rocha (2021) propõem a Análise Cartográfica do discurso como uma perspectiva teórico-metodológica para (re)visitar os embates que ocorrem, sobretudo, através dos enunciados.

Nesse sentido, se mapear territórios e “produzir” sociedade se dão através do jogo linguageiro, por que separar os estudos linguísticos e sua importância de outras áreas de

³ Opto, também, pela escrita em primeira pessoa por tratar-se de uma pesquisa em que as intervenções, proporcionadas pelo meu afeto – tanto de dentro para fora quanto de fora para dentro – movem-se, também, como linhas de fuga, ansiando por uma política da narratividade que frequente os ambientes acadêmicos como micropolítica, possibilitando que a universidade seja, de fato, um espaço para todos.

conhecimento? Por que não conectar outras áreas e outras disciplinas a noções tão caras à sociedade que são estudadas, refletidas e analisadas pelas comunidades de linguistas? Se a linguagem habita, denuncia e valida espaços sociais, seu estudo e a percepção daquilo que consideramos realidade através dela devem frequentar territórios novos, digamos assim. Por isso, como professora em cursos de Engenharia em uma universidade pública no Brasil e analista cartográfica do discurso por formação, pretendo, aqui, apresentar de que modo as concepções de prática discursiva (Maingueneau, 1997; Deusdará; Rocha, 2021), de interdiscurso (Maingueneau, 2008) e de cartografia (Deleuze; Guattari, 1995; Rolnik, 2016; Passos; Kastrup; Escóssia, 2009; Deusdará; Rocha, 2021) vêm frequentando minhas aulas de Comunicação e Expressão e de Metodologia, além de compor a perspectiva metodológica do projeto de extensão que coordeno, enfatizando a necessidade de (re)pensar o modo de fazer educação e de fazer pesquisa no Brasil a partir da transdisciplinaridade e da sociabilidade presentes nas comunidades, que são discursivas.

Como objetivo geral, pretendo mostrar a produtividade da utilização da Análise Cartográfica do discurso em área distinta da comumente trabalhada. E, como objetivos específicos, pretendo (i) discorrer sobre os conceitos de prática discursiva, de interdiscurso e de cartografia; (ii) apresentar a indissociabilidade dos conceitos de prática discursiva e de interdiscurso das pistas trabalhadas neste estudo; (iii) analisar e refletir acerca de enunciados que vivenciam o território das engenharias; e (iv) promover a transdisciplinaridade na universidade, enfatizando a importância do processo, do percurso e dos afetos que perpassam o espaço-tempo do pesquisador e do objeto de estudo na pesquisa.

Para isso, serão utilizadas, principalmente, a pista 2 (O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo), a pista 5 (O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica) e a pista 7 (Cartografar é habitar um território existencial) do livro *Pistas do método da cartografia* (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009) como perspectiva metodológica, bem como a Análise Cartográfica do Discurso (Deusdará; Rocha, 2021), como perspectiva teórico-metodológica para as noções de cartografia, de prática discursiva e de interdiscurso.

Assim, na próxima seção, apresento as noções de prática discursiva e de interdiscurso sob as quais me debruço, evidenciando que tais conceitos são constructos daquilo que chamamos de relações sociais. Na terceira seção, apresento a concepção acerca da cartografia, bem como as pistas cartográficas que me auxiliaram nesta pesquisa. Após essa seção, chegamos às análises, momento em que apresento de que modo a conexão entre a cartografia e a análise

do discurso é inextricável, para, depois, analisar e refletir acerca de dois enunciados⁴ que foram proferidos a mim em sala de aula e em reunião de projeto de extensão. Por fim, apresento uma reflexão sobre fazer cartografia nas engenharias e sobre a importância de apresentar aos estudantes noções basilares da análise do discurso, uma vez que venho cartografando esse território há pouco mais de um ano.

Prática discursiva e interdiscurso: postulados sociais

Não há como trabalhar com Análise do Discurso e não abordar as concepções que circunscrevem essa teoria: discurso e interdiscurso. Se pensarmos que essas concepções estão imbricadas não valeria a pena explicá-las separadamente, por isso, ao pensarmos em discurso há de se pensar em sua promoção através da rede interdiscursiva que permeia as enunciações. Isto posto, o interdiscurso (Maingueneau, 2008) dá conta de explicar a relação que um discurso possui com outro discurso, já dito anteriormente, ou seja, é como se houvesse uma engrenagem enunciativa que faz com que os discursos estejam em constante interação.

Didaticamente, pode-se pensar na noção de intertextualidade, que dá conta de explicar a construção de textos a partir de outros textos já existentes, é o caso, por exemplo, do livro *A chapeuzinho amarelo* de Chico Buarque que tem relação intertextual com a canônica história da *Chapeuzinho Vermelho*. O mecanismo para compreender a interdiscursividade entra nesse eixo, todavia, é por meio do apagamento da memória discursiva que o interdiscurso se consolida, pois, de fato, não se constitui tão evidente como no caso da intertextualidade, mas dá conta dessa “recuperação de vozes” que o “eco” discursivo produz. Logo, os discursos estão entrelaçados por uma rede polifônica e dialógica que possibilita o embate entre o Mesmo e o Outro (Maingueneau, 2008) no jogo discursivo. É, por isso, que Maingueneau (2008) vai constituir o interdiscurso como um primado, uma vez que se evidencia a partir da sua própria grade de restrição semântica.

É por conceitos como esse que podemos afirmar que as palavras “sozinhas” não dizem “nada”, é o contexto de produção e a carga enunciativa delas que, organizadas, sintagmaticamente, produzem confluência e convergência social. Por exemplo, em um momento da vida algum indivíduo em contexto específico atrelou o nome do animal “burro” a

⁴ Embora os alunos não sejam citados neste texto, é válido afirmar que estão cientes de que faço uma análise dos enunciados proferidos por eles, com o fito de compreender como a cartografia vem afetando-os enquanto estudantes-pesquisadores.

ideia de um indivíduo desprovido de inteligência e, hoje, para ofender alguém nessa esfera comunicativa, chama-se o outro de “burro”. Também por questões sociais, políticas, patriarcais e hegemônicas que muitas palavras têm conotação racial ou misógina, pois marcam a depreciação de uma raça ou de gênero, caso de expressões que trazem a palavra “negro” em sua construção, como “humor negro”.

Durante anos, essa expressão foi utilizada para se referir a piadas (de mau gosto ou socialmente, hoje, não aceitas), atrelando a palavra “negro” a algo ruim, o que contribuiu significativamente para a perpetuação do racismo até os dias de hoje, pois, se um homem de pele escura é um homem negro, assim como o humor, ele foi socialmente marginalizado e visto como um homem ruim, o que não deveria ter sido perpetuado pela sociedade durante séculos. Tal exemplificação nos ajuda a compreender a carga subjetiva por detrás das palavras e o modo como o social, o político e o histórico fazem parte daquilo que, por muito tempo, estamos chamando de discurso.

Por isso, para a análise do discurso que pretendemos promover, a noção de *prática discursiva* dá conta de elucidar a relação *textual-social* que desejamos fomentar. Isto é, enquanto a parte “textual” do sintagma reforça a importância do linguístico, o vocábulo “prática” traz para a cena analítica a fundamentalidade do social, do político e do histórico para as teorias discursivas, uma vez que não analisamos sintagmas isolados. E, nesse contexto, Deusdará e Rocha (2021) argumentam que, tal qual o interdiscurso, a prática discursiva também constitui um primado.

A seguir, abordaremos o conceito de cartografia e apresentaremos as pistas que norteiam nosso estudo.

Cartografia - por uma perspectiva metodológica transdisciplinar

Como perspectiva metodológica neste estudo, trazemos a concepção de cartografia, definida, sobretudo, a partir dos estudos de Deleuze e Guattari (1995) ao conceituarem a noção de rizoma, apontando a cartografia como o quinto dos seus seis princípios, na obra intitulada *Mil Platôs*. Dela, Suely Rolnik (2016) expande a concepção de cartografia, apostando na premissa de que “territórios psicossociais também são passíveis de serem cartografados”, promovendo um florescimento do hódos-metá que desejamos produzir: *pesquisar a partir do percurso e do processo pelos quais perpassam o pesquisador e o objeto estudado, sejam eles territórios físicos ou não*.

Com a atenção fundamental, aqui, voltada para o cartógrafo, as pistas 2, 5 e 7, da obra *Pistas do Método da Cartografia*, nos ajudaram a mapear os territórios apresentados a seguir: cursos de Engenharia e estudantes desses cursos. A pista 2 (Kastrup, 2015) aborda as noções por trás do funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo, investindo no processo de produção, uma vez que, para a autora, não há de fato uma “coleta de dados” no trabalho do pesquisador, mas sim uma “produção de dados” a partir do objeto estudado. Vejamos, como cartógrafa, os dados passam a ser produzidos a partir da interação com o objeto de estudo no campo de atuação: a sala de aula. Não há como apenas “coletar” as relações sócio-afetivas e a produção de conhecimento a partir da interação com os discentes como se fossem um elemento químico em um laboratório. Nas pesquisas em que buscamos compreender a produção de subjetividade através da materialidade linguística, não há, de fato, como coletar dados, eles são produzidos. Dentro desse contexto, Kastrup (2015) sinaliza dois pontos que precisam ser examinados,

O primeiro diz respeito à própria função da atenção, que não é de simples seleção de informações. Seu funcionamento não se identifica a atos de focalização para preparar a representação das formas de objetos, mas se faz através da detecção de signos e forças circulantes, ou seja, de pontas do processo em curso. [...] O segundo ponto é que a atenção, enquanto processo complexo, pode assumir diferentes funcionamentos: seletivo ou flutuante, focado ou desfocado, concentrado ou disperso, voluntário ou involuntário, em várias combinações como seleção voluntária, flutuação involuntária, concentração desfocada, focalização dispersa, etc. (Kastrup, 2015, p. 33).

A partir das explicações da autora, percebemos que o processo de pesquisa é constante e não linear, não há uma escolha exata do que vamos pesquisar, mas sim encontros voluntários ou involuntários de situações do cotidiano do pesquisador que, nas ciências da linguagem, ocorrem a todo tempo. Diferente de profissionais das áreas da saúde e da química, por exemplo, não vamos a um laboratório estudar as variáveis dependentes e independentes, nem reformular cálculos que tenham dado errado. Estamos, a todo tempo, *detectando signos e forças circulantes no nosso processo em curso*. Nesse sentido, a atenção do cartógrafo volta-se àquilo que já estava, de certo modo, implicado em preocupações circunscritas na subjetividade do pesquisador, uma vez que ela é “[...] flutuante, concentrada e aberta - é habitualmente inibida pela preponderância da atenção seletiva. O problema do aprendizado da atenção do cartógrafo é também um caso de criação do que já estava lá [...]” (Kastrup, 2015, p. 34).

Há, nessa perspectiva, uma resposta à compreensão do mundo a partir dos olhos do pesquisador sem precisar, necessariamente, interromper o processo, uma vez que estamos

sempre em constante movimento. Nesse processo de cartografar os territórios psicossociais, valoriza-se o exercício da escuta, atividade prendida à atenção do cartógrafo e que deveria frequentar mais a sala de aula, tendo em vista que é na troca e na escuta que o trabalho do cartógrafo ganha novas dimensões latitudinais. “Tanto a atenção quanto o gesto atencional de abertura e acolhimento ocorrem a partir da suspensão. Sendo assim, a suspensão, a redireção e o deixar vir não constituem três momentos sucessivos, mas se encadeiam, se conservando e se entrelaçando” (Kastrup, 2015, p. 38).

O estudo da cartografia como perspectiva metodológica abre caminhos, justamente, para a compreensão de que as relações sociointeracionais são processuais, não se tem sociedade, subjetividade, pesquisa, por exemplo, prontas, mas sim processos de construção do mundo a partir dos afetos, dos encontros, das rupturas e das implicações que intervêm no caminho do pesquisador. Por isso, os autores afirmarem que fazer cartografia já é, por natureza, uma pesquisa-intervenção.

Ainda na esteira da (re)significação acerca da pesquisa acadêmica, a coletividade é fator importante, uma vez que ela constrói esse “território existencial” que o cartógrafo habita. Embora a escrita, na pesquisa, seja um processo solitário, fazê-la não o é, justamente, pelos encontros e pelas trocas que acontecem no(s) território(s) pesquisados. Não há como ignorar ou distanciar essa intervenção do fazer-pesquisa.

Nesse sentido, a pista 5 *O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica* (Escóssia; Tedesco, 2009) leva-nos a compreender a noção por trás do lexema “conhecer”. Como aponta Kastrup (2022)⁵, “conhecer não é representar uma realidade dada, mas um processo de ações que respondem sobre si e sobre o mundo”. Quando o pesquisador interfere e interage com o ambiente pesquisado, constrói um movimento de se (re)conhecer e (re)conhecer o outro, que já é um rizoma por si só. Nesse sentido, não basta, para cartografia, apenas uma leitura acerca da teoria que rege as noções por trás da concepção de rizoma e de cartografia, mas sim compreender que é na interação com o outro e com o ambiente, na participação ativa nesse campo, que se cartografa.

A pista 7 aponta para aquilo que defendo, junto aos autores, aqui: *Cartografar é habitar um território existencial* (Alvarez; Passos, 2009), é reconhecer a imensidão do próprio território e dos objetos de discurso e do mundo a partir do *ethos* que se mostra no mapeamento desse

⁵ A referência à Kastrup (2022) e muito do que tem neste texto é fruto da interação com a palestra “O método da cartografia: práticas inventivas na pesquisa e na educação”, ministrada pela professora Virgínia Kastrup, de modo remoto, no ano de 2022 pelo *Youtube* no dia 15 de setembro de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8JIXEVdyyW0>. Acesso em: 09 abr. 2025.

território. Não é só apenas pesquisar “de fora”, na terceira pessoa, mas sim, estar imerso nos (des)encontros possibilitados pela habitação deste devir. Diferentemente do que se vê nas metodologias tradicionais, a cartografia permite a transformação no próprio processo; “Tal aprendizado pode ser enquadrado numa técnica e em um conjunto de procedimentos a seguir, mas deve ser construído no próprio processo de pesquisa” (Alvarez; Passos, 2009, p. 135).

Nesse sentido, a cartografia permite afetar e ser afetado, não é pesquisar sobre, mas pesquisar com; é, como apontam os próprios autores, intervir num mundo introjetado de forças. Habitar um território existencial é cultivar o processo e o percurso como parte do pesquisador e daquilo que vivencia, é (re)construir opiniões e (re)organizar posições, é perceber os desafios e os desafios que permeiam o mundo que nos separam enquanto indivíduos que estão “no mesmo mar, mas nunca no mesmo barco”.

A partir do exposto, habitar o território da engenharia, sendo uma pesquisadora da linguagem, é compreender uma engrenagem de funcionamento muito distante da que conhecia; é se (re)descobrir, se (re)construir e se (re)desenhar a partir das imposições tradicionais que perpassam a academia. É perceber o novo e aprender a intervir num espaço cujas ações estão imersas à tradicionalidade. A cartografia permitiu uma intervenção na qual, aos poucos, vamos compreendendo esse (novo)espaço e os corpos que ali habitam, na tentativa de agregar num ambiente que já foi mapeado e cartografado pelo prestígio que carrega socialmente. Todavia, é também reconhecer os corpos dóceis e “perdidos”, na tentativa de afagar a pressão sofrida pela imposição das forças institucionais prestigiosas, sobretudo quando se trata de alunas e de alunos negros e da comunidade LGBTQIAPN+⁶.

Além dessas pistas, podemos abordar a importância também da pista 8, *Por uma política da narratividade* (Passos; Barros, 2009), que vai muito além da noção de “narrativa” prendida aos cânones da Língua Portuguesa. Quando enaltecemos a importância de uma política por narratividade não tem a ver com a alteração ou modificação das regras e das normas existentes na academia brasileira, mas por uma necessidade de reformular a nossa escrita quando se faz uma pesquisa cartográfica. Se o pesquisador se debruça aos “métodos” voltados à atenção do cartógrafo, que é o pesquisador, e a habitação do território que pesquisa, faz-se necessário que essa experiência do pesquisador esteja presente nos textos que escreve. Tal qual a proposta cartográfica, a escrita dos textos precisa representar essa experiência vivida no campo.

Assim, calcada no apresentado por Kastrup (2022), em palestra remota, a narratividade prevê a escrita também cartográfica, não apresentando os infortúnios que por ela passaram.

⁶ Sigla que representa a diversidade de orientações sexuais e identidades de gênero, incluindo lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer, intersexos, assexuais, pansexuais, não-binários e outras identidades.

Quando se faz pesquisa, o campo não responde aos seus problemas como gostaria, não há idealização de hipóteses, uma vez que não há como desenhar o que irá acontecer quando os objetos de estudo são parte interventiva do mundo. Não há como “esconder” os problemas que aparecem no percurso da pesquisa em campo no texto, “o texto é uma pista também do trabalho” (Kastrup, 2022). É, por isso, que não se pode distanciar o trabalho do pesquisador com o texto, é preciso “‘reinventar’ academicamente a escrita” (Kastrup, 2022).

A seguir, apresentaremos de que modo a cartografia pode contribuir em diferentes áreas como perspectiva metodológica nas pesquisas acadêmicas.

Caminhando por territórios (des)conhecidos

Não se trata aqui de redesenhar o modo de fazer pesquisa no Brasil e no mundo, mas de sinalizar a importância de valorizar um modo-outro de fazer pesquisa quando percebemos que pesquisar é intervir. Se, como falantes, utilizamos a linguagem para intervir e interagir com/no mundo, não há como ignorar a relevância do conceito de prática discursiva e de interdiscurso para essas interações. Somos, a todo tempo, levados a “confrontos” com o outro, seja num território psicossocial ou não, e é, por meio da linguagem, que esses encontros acontecem, justamente, porque remetem a discursos outros que interferem na sociedade, ou seja, há sempre a noção de prática discursiva e de interdiscurso circunscrevendo as relações sociais.

Sendo a cartografia uma perspectiva da intervenção e a análise do discurso uma teoria que se propõe a estudar de que modo ocorre essa intervenção através da linguagem, como não trazermos para nossas reflexões a Análise Cartográfica do discurso (Deusdará; Rocha, 2021) que pretende conectar essa perspectiva metodológica às distintas teorias das análises do discurso. Quando, como pesquisadores do discurso, compreendemos que fazer cartografia é intervir no/com o mundo, percebemos que fazer análise do discurso também é, tendo em vista que partimos do linguístico - materialização do social-institucional - para compreender a rede de integração semântica que se pretende discursivamente na afetação com o outro.

Primeiro, apresento as pistas que estou percorrendo neste texto e como venho traçando a relação entre os postulados da análise do discurso com os da cartografia. Depois, apresentarei dois enunciados, proferidos por alunos no curso em que leciono, com o objetivo de mostrar de que modo podemos abordar a Análise Cartográfica do discurso com outras áreas acadêmicas. Não se trata, pois, de fazer análise do discurso nas engenharias, por exemplo, mas de compreender que o processo de ensino-aprendizagem, que privilegia a relação dialógica entre

professor e alunos, perpassa pelas concepções aqui apresentadas, fazendo-se pertinente a incorporação desses estudos quando se tem, na pesquisa, indivíduos que afetam e que são afetados pelas pesquisas e pelos espaços que perpassam.

Quando pensamos, brevemente, sobre a pista 2, *O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo*, já percebemos como esta pista representa a relação interdiscursiva estudada pelas análises do discurso. Ou seja, a atenção do cartógrafo parte, também, do exercício de escuta, o cartógrafo precisa estar atento a tudo que se apresenta em seu campo de atuação: as intercorrências, “as erosões do solo”, os mecanismos linguísticos utilizados para produzir um raciocínio, por exemplo. Do mesmo modo, a interdiscursividade dá conta de trazer para os estudos discursivos esse exercício de escuta, essa atenção ao enunciado, os ecos polifônicos produzidos a partir da intervenção da prática numa comunidade socialmente produzida. Logo, se a palavra sozinha não é capaz de dizer absolutamente tudo, é preciso que estejamos atentos às metáforas que somos capazes de construir: a escuta a partir da noção de interdiscursividade se dá juntamente ao mapeamento dos territórios psicossociais que são materializados verbal ou visualmente.

Já a pista 5 *O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica* dá conta de mostrar de que modo a inextricável relação entre prática discursiva e interdiscurso se faz presente nesse plano de experiência cartográfica a partir do coletivo de forças. São essas concepções discursivas que promovem o embate sociopolítico nas comunidades, uma vez que a prática discursiva se materializa a partir da construção interdiscursiva desse coletivo, perpetuando a intervenção com/no mundo. Como apontam as próprias autoras, “[...] ele revela a gênese constante das formas empíricas, ou seja, o processo de produção dos objetos do mundo, entre eles, os efeitos de subjetivação” (Escóssia; Tedesco, 2009, p. 92). Ou seja, a pista 5 contribui com a análise do discurso que desejamos construir, uma vez que a prática discursiva dá conta de promover esses objetos do mundo, apontando os efeitos de sentido e as intercorrências que afetam e intervêm na sociedade.

A pista 7 *Cartografar é habitar um território existencial* evidencia também a existência do conceito de prática discursiva como um postulado para os estudos do discurso que emerge no campo da cartografia. Isto é, a existencialidade do território passa a ser validado, cientificamente nessa perspectiva, quando há intervenção de um cartógrafo nesse território, quando se nota a processualidade da pesquisa através dessa relação afetiva entre pesquisador e campo. Dentro desse contexto, a pista 7 abre caminhos para compreendermos que a concepção de prática discursiva se prende também a essa habitação existencial, uma vez que, diferente do texto, do linguístico que, isolado de uma comunidade, de um campo, de um território, não

produz interferência ou intervenção na comunidade em que se encontra. Logo, a noção de prática discursiva também só se valida nessa processualidade, em constante intervenção com o campo, com o território em que é produzida, em constante relação com enunciados outros. Assim, só há de fato como falar em prática discursiva quando há intervenção dela em um território existencial.

Até aqui, fica evidente a confluência dos conceitos da análise do discurso à cartografia, valorando a Análise Cartográfica do discurso (Deusdará; Rocha, 2021) como perspectiva teórico-metodológica que pode (e deve) frequentar estudos que têm, nos objetos de pesquisa, a interferência do corpo, seja físico, seja através da materialização linguageira. É por isso que venho trabalhando tais conceitos e perspectiva nos cursos de engenharia, pois, antes de serem engenheiros de produção e engenheiros químicos, por exemplo, são indivíduos que existem e interferem no mundo pela linguagem.

Isto é, das minhas disciplinas, nasceu meu projeto de extensão, intitulado *Da leitura à prática: produção de subjetividades em atividades voltadas aos cursos de engenharia*, em que tenho alunos dos cursos de Engenharia de Produção, de Engenharia Química e de Letras. Como perspectiva teórico-metodológica, utilizamos a Análise Cartográfica do discurso (Deusdará; Rocha, 2021). Ou seja, de certo modo, os alunos já estão imersos aos conceitos primordiais de prática discursiva, de interdiscurso e de cartografia, compreendendo o percurso e o processo tanto de pesquisa como de vida como conectados na/para produção acadêmica.

Dos alunos participantes do projeto, 5 estão como bolsistas de iniciação científica voluntários e, desses cinco, 1 é meu orientando no Trabalho de Conclusão de Curso da graduação. O interessante nesse território é, justamente, o fato de os alunos participarem ativamente como voluntários num projeto cuja centralidade se dá à subjetividade; totalmente distante do que, a grande maioria, vê em seus cursos de graduação. Faço esse preâmbulo para que possam compreender a importância de refletir sobre as práticas sociais mesmo em cursos de graduação que não têm grande enfoque nessas questões, pois a maioria dos alunos está passando por algo, ou seja, são rizomas complexos que estão em embates constantes sobre muitas questões como todos os sujeitos sociais. Todavia, falar, estudar, promover atividade e encontros com outros para, também, refletir sobre as forças institucionais que emergem na sociedade vêm funcionando como uma atividade de prazer porque percebo que eles compreendem o “estrago” social que as práticas discursivas promovem quando estão em embate, afetando o coletivo.

De tantos enunciados compartilhados com esses alunos ao longo desse período em que venho trabalhando, apresento dois que mais me impactaram: “*Não sabia que podia falar de*

mim na pesquisa” e *“Eu gosto dos nossos encontros porque você escuta”*. Não cabe aqui, nomear e apontar quem foram os alunos que proferiram tais enunciados, mas o modo como impactaram meu trabalho e me fizeram perceber o poder da cartografia em qualquer espaço, uma vez que somos indivíduos que nos manifestamos pela linguagem. Também não cabe aqui reescrever a tradicionalidade metodológica no que diz respeito às pesquisas nas ciências exatas e nas engenharias, mas promover a transdisciplinaridade, enfatizando o papel de (novas) perspectivas para o campo das ciências.

Os dois enunciados evidenciam pistas que apresentamos aqui, pois, se um aluno quer pesquisar acerca de fenômenos que também ocorreram com ele, falamos aqui de pesquisa racial nas engenharias, enfatizamos a pista 7, uma vez que este aluno/pesquisador está imerso ao seu objeto de estudo e foi afetado pelas práticas discursivas constantes que interferiram e interferem em seu cotidiano. Para ele, o exercício da pesquisa nas engenharias não poderia ultrapassar as metodologias tradicionais, as pesquisas descritivas e experimentais, os métodos de indução e de dedução e as abordagens tradicionais, qualitativas e quantitativas. Perceber que seu percurso e processo de vida pode contribuir para a formação de outros futuros engenheiros negros fez com que agregasse a concepção da cartografia ao seu estudo, compreendendo a possibilidade de abundar um espaço que parecia já totalmente preenchido.

O enunciado que fala acerca da escuta transborda as conceituações trazidas na pista 2, tendo em vista que a atenção do trabalho do cartógrafo, no caso da própria professora que vos escreve, promove um habitar a territorialidade desse território a partir da escuta daquilo que angustia esses alunos, afetando e sendo afetada por essa rede interdiscursiva. O caminho da escuta, enquanto professora e pesquisadora, promove o bem-estar social não só daquele com quem trabalha, mas também do próprio pesquisador, uma vez que, a partir dessas trocas, é possível “reorganizar a rota” e transversalizar as conexões promovidas por esse rizoma. Ainda, podemos compreender os efeitos de sentido trazidos por esses enunciados em espaços como os que atuo, uma vez que “não poder falar sobre seu percurso na pesquisa” e “não ser escutado no ambiente acadêmico” promove efeitos de insignificância, efeitos de inferioridade, efeitos de isolamento, efeitos de solidão, efeitos de inconveniência; o que contribui para a promoção do pensamento acerca da toxicidade que envolve a relação docente/discente na academia.

A partir dessas análises, nota-se como o conceito de cartografia, de prática discursiva e de interdiscurso frequentam ambientes dos mais variados tipos, enfatizando a necessidade de propor um *hódon*-metá à tradicionalidade metodológica e o fazer pesquisa no país, apresentando modos-outros de habitar espaços e de validar as questões políticas e sociais que também frequentam ambientes, digamos, mais tradicionais. “A cartografia surge como um princípio do

rizoma que atesta, no pensamento, sua força performática, sua pragmática: princípio ‘inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real’” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 21 apud Passos; Kastrup; Escóssia, 2009, p. 10).

Algumas considerações

Este percurso textual nos mostra a potencialidade dos conceitos que circunscrevem a Análise Cartográfica do discurso. Deusdaré e Rocha (2021) confluem postulados da Análise do Discurso aos postulados da cartografia abrindo caminho para o trabalho com a perspectiva cartográfica em trabalhos cujo objeto de estudo gira em torno da linguagem. Não sem razão, tal qual Maingueneau (2008) ao postular o conceito de interdiscurso, os autores apostam no primado da prática discursiva, tendo em vista ser fator crucial nos estudos do discurso. Nesse sentido, para nós, analistas do discurso, é por meio da prática discursiva, materializada através da linguagem, que compreendemos as forças institucionais que nos atravessam e que subjetiva a sociedade em que vivemos.

A noção de cartografia, um dos princípios do conceito de rizoma, postulado por Deleuze e Guattari (1995), se torna central nos estudos da Análise Cartográfica do discurso, uma vez que possibilita a inclusão do processo e do percurso do pesquisador na promoção da ciência, bem como de suas pesquisas científicas. De outro modo, a cartografia possibilita que a intervenção e o afeto, criado no território estudado, sejam validados enquanto elementos importantes para a construção de pesquisas nas áreas da linguagem e, agora, quem sabe das engenharias. Ou seja, trabalhar com a cartografia é apostar nas linhas de fuga, promovidas pelo rizoma, proporcionando o mapeamento de territórios outros através das micropolíticas, afinal, fazer cartografia é alterar os espaços pelos quais perpassa e alterar a si mesmo enquanto pesquisador e indivíduo no/do mundo.

As pistas propostas na obra *Pistas do Método da Cartografia* (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009) funcionam como ferramentas de pesquisa no campo da Psicologia e das Linguagens, uma vez que a tradicionalidade metodológica não dá conta de explicitar de modo satisfatório pesquisas que figuram espaços outros que não aqueles mediados por métodos científicos tradicionais como a dedução e a indução, por exemplo.

A pista 2 promove o lugar do pesquisador enquanto cartógrafo em sua pesquisa de campo, sobretudo acerca da necessidade de escuta quando há afeto com/por outros corpos, compreendendo que nem sempre há uma “coleta de dados”, mas sim, a produção deles. A pista

5 nos auxilia a reforçar a importância da intervenção para pesquisas cuja perspectiva metodológica é cartográfica; conhecer não é somente observar, mas sim estar imerso no território, percebendo as rupturas e as erosões que se apresentam nesse solo pesquisado. Já a pista 7 nos ajuda a compreender a transformação do pesquisador e do objeto pesquisado ao habitar o território e se reconstruir enquanto pesquisador a partir do modo como é afetado nesse processo-percurso-pesquisa-intervenção. Dentro desse contexto, embora a pista 8 não tenha sido elemento crucial para nossas análises, ela se faz presente no modo como venho construindo este texto, auxiliando os pesquisadores na quebra de paradigmas e de estigmas associados à narração e ao relato de experiências pessoais para a tradicionalidade metodológica. Construir uma academia que possibilita o compartilhamento das experiências, por meio de uma política da narratividade, contribui para a integração no território das academias, perpetuando os momentos de troca e legitimando a máxima de que a universidade é para todos.

Os enunciados apresentados apontam para a emergência de se fazer pesquisas transdisciplinares, privilegiando o indivíduo enquanto um ser social e político que vem passando por questões na contemporaneidade. Ou seja, não basta pesquisas sobre substituições de materiais na construção de casas, ou de metodologias que auxiliam no melhoramento de postos de trabalho, ou encontrar substâncias novas para o advento de matérias-primas de baixo custo para grandes empresas e empresários se a sociedade e o indivíduo não se constituírem como peça fundamental e importante nesse processo de (re)construção social. Não adianta “salvamos” as indústrias se não pensarmos nas nossas ações enquanto sujeitos que vivem socialmente e que necessitam refletir sobre as problemáticas que frequentam nosso cotidiano.

Isto posto, não significa que esteja defendendo que não são de fundamental importância todas as pesquisas que são feitas em todas as áreas, até porque eu sou cientista e acredito no papel da educação e da ciência, mas escrevo para mostrar de que modo perspectivas metodológicas, como a cartográfica, podem e devem frequentar outras áreas do conhecimento, uma vez que precisamos pesquisar e refletir sobre a sociedade e sobre a forma como ela vem se constituindo em distintos campos de atuação. Por isso, promover pesquisas que privilegiam o processo, o percurso, o afeto e as implicações na vida do pesquisador promoverá uma sociedade mais igualitária, capaz de repensar os modos com que vem promovendo e fomentando políticas neoliberais que parecem “manipular” o Outro.

Referências

- ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 131-149.
- BARROS, Regina Benevides de; PASSOS, Eduardo. Por uma política da narratividade. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 150-171.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- DEUSDARÁ, Bruno; ROCHA, Décio. **Análise cartográfica do discurso: temas em construção**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2021.
- ESCÓSSIA, Liliana da; TEDESCO, Silvia. O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 92-108.
- KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 131-149.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Tradução Freda Indursky. 2. ed. Campinas: Pontes, 1997.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2016.

Recebido em: 29 de julho de 2025
Aceito em: 21 de dezembro de 2025